

PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO NO CONTEXTO DA COVID-19 – SÃO PAULO, BRASIL

PREVALENCE OF SELF- MEDICATION IN THE CONTEXT OF COVID-19 – SÃO PAULO, BRAZIL

Fernanda Molina Llata¹

Gabriela Oliveira Nascimento da Silva²

Katarina Câmara Assunção³

Lara Bertolini Bendilati⁴

Thais Gouveia Freitas⁵

Luci M.M. Bonini⁶

Resumo: O estudo buscou avaliar a prevalência da automedicação durante a pandemia da Covid-19 e identificar as motivações para essa prática, assim como os medicamentos mais utilizados. A pesquisa foi realizada por meio de um formulário online (questionário), utilizando a plataforma “Google forms”, envolvendo 197 voluntários dispostos a compartilhar suas experiências com a automedicação. Os resultados foram obtidos a partir da análise das respostas ao questionário, e observou-se maior prevalência de forma preventiva, incentivada por família e/ou amigos em indivíduos de 18 a 24 anos. Os medicamentos mais utilizados foram analgésicos, seguidos de vitaminas e antitérmicos. Entre as opiniões dos participantes, a automedicação deu-se muitas vezes por medo, em consequência da desinformação, para prevenção, entre outros. Desse modo, concluiu-se que houve um aumento da prevalência da automedicação no contexto da Covid-19.

Palavras chave: Pandemia. SARS-CoV-2. Medicamentos. Prescrição.

Abstract: The study sought to assess the prevalence of self-medication during the Covid-19 pandemic and identify the motivations for this practice, as well as the most used medications. The research was carried out through an online form (questionnaire), using the “Google forms” platform, involving 197 volunteers willing to share their experiences with self-medication. The results were obtained from the analysis of the answers to the questionnaire, and a higher prevalence was observed in a preventive way, encouraged by family and/or friends in individuals aged between 18 and 24 years. The most used drugs were analgesics, followed by vitamins and antipyretics. Among the participants’ opinions, self-medication was often due to fear, because of misinformation, for prevention, among others. Thus, it was concluded that there was an increase in the prevalence of self-medication in the context of Covid-19.

1 Estudante do curso de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3157665373146687>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9655-5654>. E-mail: fe.llata1504@gmail.com.

2 Estudante do curso de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5166302931775744>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5402-541X>. E-mail: oliveirangabi@gmail.com.

3 Estudante do curso de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4104455600652044>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1101-7820>. E-mail: ackatarina@gmail.com.

4 Estudante do curso de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8978922585434903>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2017-6244>

5 Estudante do curso de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0677231580270262>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0768-8587>. E-mail: thaafreitas185@outlook.com.

6 Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Docente na Faculdade de Tecnologia de Mogi das Cruzes, SP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1281239421952609>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6426-218X>. E-mail: lucibonini@gmail.com.

Introdução

A Covid-19 é uma doença causada pelo betacoronavírus SARS-CoV-2, sendo este o protagonista da atual emergência global na área da saúde. Isso é explicado pelo amplo espectro clínico da doença, que engloba desde infecção assintomática e doença leve do trato respiratório superior à pneumonia viral grave, podendo evoluir para óbito (BRITO *et al.*, 2020).

Desse modo, essa situação conturbada tem motivado a busca por medidas terapêuticas e profiláticas, aumentando a prática de automedicação por fármacos ainda sem eficácia comprovada para a doença, induzida principalmente pela mídia e venda de medicamentos sem prescrição; além do receio da contaminação e da tentativa de não agravamento do quadro após o diagnóstico por parte dos indivíduos.

Entretanto, é uma tendência perigosa, visto que pode trazer consequências como efeitos adversos, doenças iatrogênicas e dificuldade do diagnóstico de outras doenças. Além do maior gasto do paciente com o sistema de saúde para seu tratamento adequado (ALVES FRANCISCO *et al.*, 2021).

No contexto da pandemia de Covid-19, casos de envenenamento e morte foram relatados nos EUA e na Nigéria em pessoas que se automedicaram com cloroquina (SADIO *et al.*, 2021).

Nesse contexto, a chamada “infodemia”, ou seja, o compartilhamento excessivo de informações não comprovadas em uma situação pandêmica tem sido responsável pelo aumento da incidência desse comportamento, principalmente pela velocidade em que essas notícias se espalham e a disseminação dessas por indivíduos leigos no assunto (CARVALHO; GUIMARÃES, 2020).

A Covid-19 abrangeu mais de 200 países, como a maioria dos países impôs o bloqueio e as pessoas ficaram confinadas em suas casas com movimentos restritos, isso resultou num olhar mais atento às atualizações do Covid-19, principalmente em tratamentos e medidas preventivas. A maioria das pessoas está contando com mídias eletrônicas e redes sociais para obter informações mais recentes e atualizadas relacionadas à doença. Por outro lado, um número crescente de mortes relacionadas ao COVID-19 está criando pânico entre o público em geral (MALLHI *et al.*, 2021).

Contudo, além desses fármacos não apresentarem eficácia cientificamente comprovada contra a Covid-19, ainda podem resultar em graves efeitos adversos, como miopia, efeitos cardiotoxicos e cardiomiopatia (cloroquina e hidroxicloroquina), hepatite e pancreatite medicamentosa (ivermectina) entre outros (ONCHONGA; OMWOYO; NYAMAMBA, 2020).

Dessa forma, em relação aos fatos supracitados, vale ressaltar que a automedicação, principalmente durante a pandemia tornou-se um problema de saúde pública. Sendo importante, portanto, a conscientização da população, por meio da disseminação de notícias baseadas em aspectos científicos, além do combate a propagação de notícias falsas (ONCHONGA; OMWOYO; NYAMAMBA, 2020).

O trabalho investigou a prevalência da automedicação no contexto da Covid-19 e buscou correlacionar as motivações para essa prática, bem como os medicamentos mais utilizados contra a doença. Ademais, buscou-se reconhecer se essa prevalência estava relacionada com o receio da contaminação e agravamento do quadro, diante da alta disseminação de notícias falsas, bem como, comprovar a falta de conhecimento sobre a não-efetividade e os efeitos dessa prática.

Materiais e métodos

Trata-se de um estudo exploratório de caráter transversal, visando a observar a prevalência da

automedicação no contexto da Covid-19, bem como suas variáveis e motivações. Foi realizado a partir da análise de dados obtidos por meio de um questionário realizado via plataforma online (Google Forms) e enviado aos voluntários por meio de aplicativo de mensagem direta. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Mogi das Cruzes sob o número de protocolo CAEE: 52384721.8.0000.5497 e parecer de aprovação número 5.073.246.

O link encaminhado deu acesso inicialmente ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que o voluntário assinalasse o campo “SIM” ou “NÃO” nesse documento e no Termo de Aceite ao final da página. Em tendo se identificado, cada participante recebeu em seu e-mail, cópia do TCLE. A amostra foi composta de 197 voluntários maiores de 18 anos, que aceitaram participar do estudo e que afirmaram ter se automedicado durante a pandemia.

Os dados foram tabulados usando-se o teste QI-quadrado e o Kruskal-Wallis, a fim de se analisar algumas variáveis. As respostas abertas foram analisadas qualitativamente a partir da Análise de Conteúdo (MINAYO, 2001). Em relação aos fatores que podem ter contribuído para que a automedicação aumentasse, foi questionada a opinião dos participantes e com base nas respostas, elaborou-se uma análise de conteúdo. Foram criadas as seguintes categorias: medo; informações na mídia; notícias falsas, desinformação, prevenção/alívio de sintomas e outras respostas.

Resultados e discussão

Dos 197 participantes, 60,9% eram do gênero feminino e 39,1% eram do gênero masculino. As idades variaram de 18 a mais de 61 anos: 59,4% de 18 a 24 anos; 7,1% de 25 a 30, 7,6% de 31 a 40; 8,1% de 41 a 50%, 12,2% de 51 a 60 e 5,6% de participantes com mais de 61 anos.

Algumas variáveis foram analisadas, dentre elas gênero, escolaridade, renda e idade, como observadas na tabela 1.

Tabela 1. Razão de prevalência (RP), Erro padrão (Robust SE), Intervalo de Confiança (IC95%) e p-valor para a prática de automedicação durante a pandemia pela COVID, segundo aspectos demográficos e socioeconômicos.

Variável	RP	Robust SE	IC95%	p-value
genero				
Feminino			1,000	
Masculino	0,959	0,076	(0,806 - 1,137)	0,576
escolaridade				
ensino_medio_completo			1,000	
ensino_medio_incompleto	1,705	0,304	(0,759 - 3,397)	0,079
fundamental_completo	1,043	0,123	(0,325 - 2,588)	0,732
fundamental_incompleto	2,761	0,388	(0,786 - 7,942)	0,009
graduacao_completa	1,135	0,141	(0,826 - 1,568)	0,366
graduacao_incompleta	1,100	0,133	(0,851 - 1,438)	0,476
pos_graduacao	0,918	0,143	(0,656 - 1,293)	0,552
renda				
<_1salario			1,000	
>_20salarios	1,527	0,151	(1,133 - 2,058)	0,005
_1_5salarios	1,316	0,156	(1,010 - 1,724)	0,077
_11_15salarios	1,263	0,178	(0,864 - 1,821)	0,191
_16_20salarios	1,675	0,141	(1,146 - 2,410)	0,000
_6_10salarios	1,440	0,163	(1,073 - 1,934)	0,025
idade				
18_24_anos			1,000	
25_30_anos	1,310	0,095	(0,935 - 1,811)	0,004
31_40_anos	1,099	0,158	(0,758 - 1,571)	0,551
41_50_anos	1,322	0,088	(0,952 - 1,810)	0,002
51_60_anos	1,021	0,120	(0,737 - 1,406)	0,863
Mais_61_anos	0,500	0,366	(0,279 - 0,848)	0,058

Fonte: Os autores.

Oliveira Santos *et al.* (2013), demonstraram que a automedicação ocorreu com maior frequência no público em geral na faixa etária de 20 a 40 anos e em menor proporção nos idosos. Isso pode estar relacionado ao fato de que os clientes dessa faixa etária já possuem alguma escolaridade, já trabalham e

se sentem independentes, têm um ritmo de vida acelerado e podem ser influenciados pelo ambiente em que vivem.

A partir da análise dos resultados, foram observados fatores relacionados ou não com a prevalência da automedicação. No que se refere a gênero, não existe relação com a automedicação no contexto da pandemia, de modo que o p-valor encontrado foi de 0,207. Em contrapartida, em um estudo realizado em uma universidade no Paraná, constatou-se que o gênero mais prevalente foi o feminino; apresentando resultados de 84,75% de mulheres e 15,25% de homens que se automedicaram. Provavelmente, esta discrepância ocorreu por conta da diferença de abrangência entre os dois estudos; já que o realizado na universidade, incluiu somente os alunos, que em sua maioria são mulheres (ANDRADE; MORENO; ORTIZ, 2021).

Buscou-se conhecer a escolaridade dos participantes: 46,2% graduação incompleta. Entre esses estudantes estavam: Medicina, Engenharia Civil, Direito, Psicologia, Ciências Econômicas, Dança, Educação Física, Administração, Arquitetura, Nutrição, engenharia de Produção e engenharia da computação. 22,3% já tinham graduação completa, 15,7% tinham algum nível de pós-graduação, 0,5% apenas o Ensino fundamental I e 14,7% o Ensino Médio.

O grau de escolaridade não apresentou relação com a automedicação, com p-valor encontrados para os testes de Qui-quadrado e Kruskal-Wallis foram de 0,858 e 0,876, respectivamente. Entretanto, esperava-se um resultado diferente, uma vez que indivíduos mais instruídos tem uma maior predisposição à prática, pois possuem mais conhecimento e acesso aos medicamentos (NARCISO *et al.*, 2022).

Sadio *et al.* (2021) numa pesquisa de corte transversal, em Lomé, capital do Togo, com um total de 955 participantes (71,6% homens) com idade média de 36 anos (IQR 32–43) foram incluídos. Os produtos mais utilizados foram a vitamina C (27,6%) e a medicina tradicional (10,2%). Apenas 2,0% dos participantes relataram usar cloroquina/hidroxicloroquina. Sexo feminino (aOR=1,90; p< 0,001), trabalho no setor saúde (aOR=1,89; p= 0,001), nível médio de escolaridade (aOR= 2,28; p= 0,043) e nível superior (aOR= 5,11; p< 0,001) foram associados à automedicação.

Entre as profissões a maioria colocou estudante, já que 46,2% eram estudantes de graduação, das outras profissões, encontram-se Médico(a); Contador; Manicure, Empresário; Professor(a); Fisioterapeuta, Jornalista; Empresário, Engenheiro, Relações públicas; Psicólogo(a); Arquiteto(a); Geólogo, enfermeiro, Fotógrafo; Assessora de eventos; Auxiliar de Rh, Metalúrgico; Secretária; Comerciante, Faxineira, Do lar; Desempregado, Aposentado e Mãe.

A fim de concluir o perfil dos participantes que se apresentou bem variado; buscou-se conhecer a renda mensal, que ficou assim discriminada: menos de 1 salário-mínimo: 20,4%; de 1 a 5: 33,1%; 6 a 10: 18,2%; 11 a 15: 8,3% e mais de 20: 14,4%.

Os participantes foram questionados se haviam feito uso de medicamento sem prescrição médica durante a pandemia, 79,2% responderam afirmativamente, ou seja, 154 participantes, os demais 20,8% que responderam não, concluíram sua participação neste momento.

Santos *et al.* (2020) se depararam com dados semelhantes 100% dos entrevistados compraram ou usaram medicamentos sem prescrição médica, geralmente para uso próprio ou para familiares e/ou amigos. Uma série de fatores levou à automedicação, levando a população a desenvolver o hábito de se automedicar por acreditar que era o mais sensato a se fazer, mas o maior agravante foi a crença de que os sintomas eram de fácil resolução, como 199 (73,7%) entrevistados sim. Cinquenta e quatro (20,0%) se automedicaram por não ter tempo para ir ao médico e 17 (6,3%) relataram automedicação por falta de profissionais médicos.

Dos 154 participantes que se medicaram sem prescrição médica 72,1% o fizeram preventivamente e 27,9% para tratamento. O incentivo à automedicação esteve assim descrito: Amigos e/ou família: 46,8%; Redes Sociais e sites: 3,2%; Política: 0,6%; Notícias 1,3%; Outros: 48,1%.

Assim, de ora em diante, as respostas tabuladas seguem com esse número de 154 participantes.

Dentro do grupo de entrevistados que disseram “Sim” ao uso de automedicação, (79%) verificou-

-se a relação entre as classes de idade e a motivação para automedicação (amigos, família e demais motivos). Os p-valor encontrados para os testes de Qui-quadrado e Kruskal-Wallis foram de 0,481 e 0,078, respectivamente. Entre os participantes 42% estavam cursando ensino superior e 22,3% tinham graduação concluída.

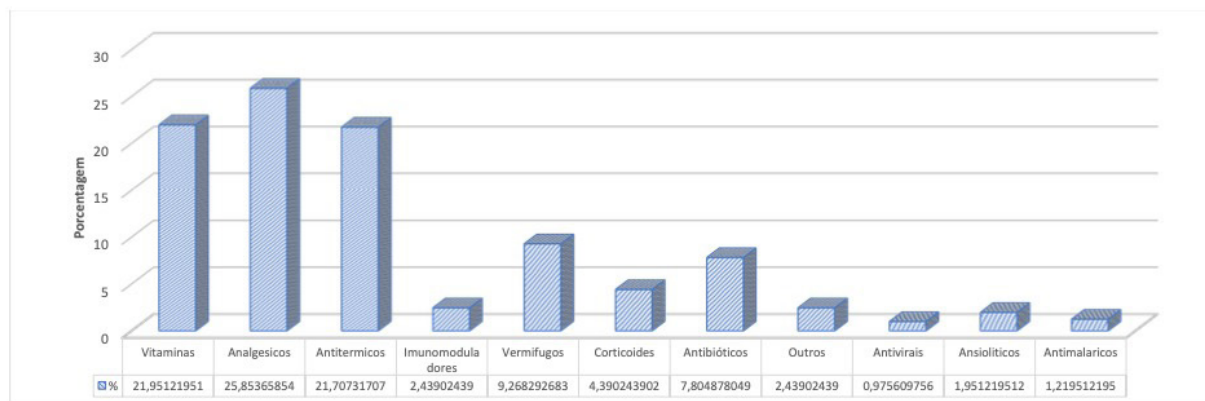
Os resultados apontaram 72,1% de participantes que fizeram a automedicação como forma curativa de tratamento e os restantes 27,9% o fizeram como preventiva. Identificou-se uma relação entre os que disseram “Sim” ao uso de automedicação (79%), e as classes de idade e forma de tratamento da Covid-19 (preventiva ou curativa), e concluiu-se que existe uma relação entre as variáveis. 54% dos participantes tinham entre 18 e 24 anos e 7%, entre 25 e 30 anos, o que comprova um maior número de pessoas mais jovens e jovens adultos, esses, principalmente estudantes universitários, compõem uma grande proporção dos que se automedicam (ANDRADE *et al.* 2021)

Andrade *et al.* (2020) obtiveram 52,54% de participantes, entre estudantes universitários que relataram a automedicação com um ou mais dos seguintes medicamentos: ivermectina; cloroquina/hidroxicloroquina; vitamina D; vitamina C; azitromicina e dexametasona. Os autores observaram que os medicamentos Ivermectina e as vitaminas C e D foram as mais utilizadas como forma de prevenção (ANDRADE *et al.*, 2020).

Como as variáveis idade e renda apresentaram diferenças entre os entrevistados que responderam Sim (79%) para uso de automedicação durante a pandemia, verificou-se que há uma relação entre as classes de idade e o conhecimento dos riscos da automedicação. Os p-valor encontrados para os testes de Qui-quadrado e Kruskal-Wallis foram de 0,023 e 0,027, respectivamente.

Dos participantes que se automedicaram, os medicamentos apontados se configuram na figura 1.

Figura 1. Incidência dos medicamentos apontados pelos participantes que se automedicaram



Fonte: Os autores.

Como observado, os medicamentos mais utilizados foram os analgésicos (25,8%), seguido das vitaminas (21,9%) e antitérmicos (21,7%), uma vez que esses são mais baratos e de fácil acesso, por serem comprados sem prescrição. Além disso, os analgésicos e antitérmicos tratam os sintomas e não a causa base, e as vitaminas fortalecem a imunidade. Esse resultado foi compatível com o estudo realizado a partir de uma revisão de literatura sobre o assunto, onde a maioria (33,4%) dos medicamentos utilizados foi analgésicos. (OLIVEIRA SANTOS *et al.*, 2022)

Análise de conteúdo

O número de respostas com o tema, está explicitado entre parênteses ao lado da categoria, conforme segue:

Medo (66)

- Tempo todo em casa fechado e notícias alarmantes todos os dias o tempo todo.
- O fato de ser uma doença desconhecida e o grande desencontro de informações, no medo da doença e na dúvida das informações, muitos escolheram a automedicação.
- Fatores como medo do Covid-19, medo de se caso pegar não ter uma imunidade boa o suficiente, etc
- Receio de ir até hospitais e acabar tendo contato com o vírus
- Insegurança quanto à origem dos sintomas
- Temor em frequentar ambientes hospitalares ou semelhantes por risco de infecção com Covid
- Notícias alarmantes
- O medo de adquirir o vírus ou de ter e ficar em um estado agravado da doença.
- Medo de os sintomas se agravarem e evoluírem mal e/ou de seguir ao atendimento médico e contrair a Covid.
- Medo generalizado em um contexto de crise, o que levou as pessoas a acreditarem no que lhe favoreciam. E, neste caso, o uso de medicamentos sem eficácia comprovada foi uma informação difundida e adotada pela população
- O medo diante uma doença nova, mídias falando para tomar medicações e/ou shots de imunidade para prevenir ou “aumentar” a imunidade diante dessa doença
- Porque acredito que quando não se tem o remédio ideal, aquele que profissionais de medicina apontam como alternativa é válido. Simples. Além do que tive que cuidar de minha mãe e minha tia com Covid (ambas idosas e a última mora sozinha e tive que interna -la pós 10 dias), nessa segunda onda.
- O número de mortes no mundo todo.
- Medo resultante das conseqüências da doença (internação, seqüelas, etc.).
- Medo resultante dos números de óbitos
- O medo de se agravar .Foi uma medicação comum, como feito quando estamos com gripe ou algo parecido, remédios que geralmente temos em casa para tratar.
- Medo de agravar a situação e poder ser Covid
- O número de vítimas
- No meu caso não foi por conta de informações/fake news divulgadas sobre prevenção e sim medo de ir ao médico para tratar algo simples em meio à pandemia e acabar sendo infectada por Covid no ambiente hospitalar.
- medo, que levou as pessoas a tentarem “qualquer coisa” que pudesse proteger e também alienação pelas redes sociais já que, por conta do distanciamento social, as pessoas acabaram se prendendo muito as redes.
- Medo e desespero de contração da doença

As pessoas estavam cientes da natureza altamente contagiosa da Covid-19 e da transmissão do patógeno por meio da expulsão direta de gotículas por meio de tosse, espirro e vocalização. A possibilidade de os vírus permanecerem viáveis em aerossóis leva à transmissão pelo ar quando as pessoas estão próximas. As pessoas, então, ficaram mais apreensivas e temeram se tornar vítimas à medida que surgiram relatos comprovando a persistência por várias horas de vírus em superfícies inanimadas (RAFIK et al., 2021).

Sadio et al. (2021) afirmam que a epidemia de Covid-19 criou ansiedade generalizada entre a população da África Subsaariana, em consequência da alta mortalidade observada em alguns países, como Itália e Espanha, e da falta de recursos técnicos para combater a doença na África subsaariana. Diante dessa situação e da variedade de informações que circulam nas redes sociais, muitas plantas e substâncias sem os requisitos mínimos de eficácia e tolerância têm sido propostas para tratar ou prevenir a COVID-19.

Nos seguintes depoimentos:

- *No meu caso não foi por conta de informações/fake news divulgadas sobre prevenção e sim medo de ir ao médico para tratar algo simples em meio à pandemia e acabar sendo infectada por COVID no ambiente hospitalar.*
- *Temor em frequentar ambientes hospitalares ou semelhantes por risco de infecção com COVID.*

Onchonga (2021) afirma que a necessidade de indivíduos com doenças e infecções menores obterem informações relevantes sobre automedicação, especialmente para doenças menores durante este período de emergência global, para que haja espaço para casos médicos graves que possam precisar de internações e tratamento adicional em hospitais, reduzindo assim infecções hospitalares desnecessárias.

Mídia (23)

- *A grande quantidade de notícias sobre medicamentos que podem ajudar, porém não ajudam em nada.*
- *Informações não triadas demais*
- *A falta de informação e o medo decorrente de tantas notícias trágicas e da incerteza das pessoas do que poderia acontecer*
- *Incerteza sobre a vacina e desinformação*
- *As notícias veiculadas na tv e redes sociais*
- *A preocupação com o agravamento dos sintomas devido a grande quantidade de notícias veiculadas nos meios de comunicação.*
- *Redes sociais e informações divulgadas nos meios de comunicação*
- *A falta de informações com bases científicas verdadeiras e o medo pelo alarde de tantas notícias.*
- *No contexto de doenças sem suspeita de Covid-19 acredito que as pessoas evitavam ao máximo ir ao médico. No contexto de doença possível de ser Covid-19, ou seja, sintomas de síndrome gripal acredito que a mídia e o excesso de falsas informações influenciou as pessoas a tomarem mais medicações sem comprovação.*

A alfabetização em saúde desempenha um papel importante no comportamento de automedicação. Em relação à pandemia de COVID-19 e outros coronavírus, o nível de conhecimento é globalmente baixo de acordo com uma meta-análise de 70 artigos científicos. De fato, a proporção de pessoas com baixo nível de conhecimento variou de 4,3 a 57,9% entre os profissionais de saúde e de 4,0 a 82,5% no restante da população (SADIO et al., 2021).

Notícias falsas (7)

- *Informações equivocadas que são espalhadas, por exemplo, nos grupos de amigos e familiares.*

- O grande volume de fake news circulado em redes sociais.
- A grande quantidade de informações divulgadas, mesmo que erradas
- A internet com as fake news e a politização de doenças empenharam pessoas ignorantes a acreditarem que alguns medicamentos contribuiriam para tratar de algumas doenças, mas sem estar comprovado cientificamente que eram mesmo bons para tal sintoma.
- fake news, estresse devido ao contexto da pandemia

Desinformação (4)

- Falta de conhecimento das enfermidades
- A ignorância e falta de informação
- Desinformação sobre o que realmente era necessário e eficaz.
- a desinformação, a preguiça de ir ao médico e ao medo de se expor ao covid indo ao médico

Numa pesquisa, também online, entre homens e mulheres no Paquistão, descobriu que a alta prevalência de automedicação de medicamentos prescritos foi persistente durante a pandemia. O país já estava sob o ônus da menor proporção de profissionais de saúde e sistema de apoio ao fornecimento, logo são intervenções importantes a aceleração imediata de campanhas de educação em saúde, legislações rígidas sobre dispensação de medicamentos e aumento da qualidade e acesso aos cuidados de saúde (AZHAR et al., 2021).

Prevenção/ amenizar sintomas (11)

- Preventiva
- Não considero que a automedicação no meu caso tenha aumentado. Eu busco maneiras mais naturais possíveis para tratar da minha saúde. Na resposta acima, eu coleí amigos e familiar, mas não foi q única coisa que me faz escolher um tratamento/medicamento. Eu tbm busco referências, estudos e relatos de outras pessoas que fizeram uso de tais substâncias.
- Cuidado com minha saúde e todos a minha volta
- Melhorar os sintomas simples que permaneciam e evitar uma ida desnecessária ao hospital
- Tomei apenas pra passara dor
- Para diminuir os sintomas
- Usei medicamentos para cefaléia, porém não foi por COVID
- Sempre que estou com uma dor de cabeça forte costumo tomar um remédio para dor de cabeça, mas não concordo em automedicação para doenças mais sérias. Infelizmente sei que divulgam, principalmente em redes sociais, automedicação de compostos que não são comprovados que trazem benefícios para certa doença, podendo ser muito prejudicial a saúde.
- Saber que um remédio realmente funciona. Por exemplo, saber que um analgésico diminui minha dor de cabeça.

Outra motivação à prática da automedicação na pesquisa realizada foi a prevenção e o intuito de alívio de sintomas. Devido ao fácil acesso a determinados medicamentos sem prescrição médica nas farmácias, esse comportamento se tornou mais recorrente no contexto da pandemia, uma vez que a saúde

ganhou importância maior para as pessoas. Sendo assim, esse cenário pode ser prejudicial para a saúde do indivíduo pois o uso desnecessário de medicação pode acarretar outros problemas de saúde. Além disso, ao aliviar sintomas, o paciente pode estar mascarando uma possível doença grave que deveria ser investigada (ALVES FRANCISCO *et al.*, 2021).

Outras respostas (7)

- *Eu creio que, o aumento expressivo da auto medicação, foi por conta da falta de conhecimento das pessoas.*
- *Já fazia uso antes da pandemia*
- *Minha automedicação não sofreu aumento ou variação por conta da pandemia*
- *Não aumentou no contexto. Usei o medicamento quando necessário e por indicação anterior do meu médico.*
- *Falta de tempo para ir no médico associado com o resultado positivo toda vez que tomo (alívio da dor*
- *Acreditar que remédios que estão no mercado ajuda a proteger-nos*
- *problemas psiquiátricos*

Nesse contexto, durante o período da pandemia COVID-19 tem-se observado um aumento da motivação relevante de automedicação, principalmente impactada pelo medo de contrair a doença. Esperava-se mesmo este resultado, visto a proporção global causada pela doença, do medo causado pelo vírus, por conta do aumento de variantes e óbitos diários, ainda pela maneira que o vírus se comporta de maneiras distintas em cada estrutura, em virtude disto, a população conviveu com o pânico e isto teve um efeito no aumento do consumo considerável de medicamentos sem acompanhamento ou prescrição médica em formas descompensadas. (ALVES FRANCISCO *et al.*, 2021)

Ademais, a mídia e seus veículos de informação se mostraram como outro fator importante; de modo que estas não eram triadas antes de serem expostas às pessoas, gerando, conseqüentemente, um público desinformado que adotou a mídia como sua aliada. Somando-se a isso, as redes sociais e os aplicativos de mensagens se mostraram com um papel crucial, pois favoreceram o desenvolvimento de teorias da conspiração, boatos e falsos conteúdos associados ao Coronavírus. Além de que, existiam algoritmos que encorajaram cada vez mais essa prática, sustentada pela própria crença individual. Esse ambiente de desinformação já era um problema presenciado há tempos, porém, durante o período pandêmico, se tornou irremediável pelas conseqüências desastrosas trazidas pra o sistema de saúde e para a vida das pessoas. (GEHRKE; BENETTI, 2021) plataformas e atores envolvidos na disseminação de desinformação sobre a Covid-19 no Brasil. Analisamos 407 textos classificados como falsos pelas agências de fact-checking que integram a plataforma colaborativa Latam Chequea Coronavirus. O corpus se refere ao início da pandemia, e por isso inclui conteúdos publicados de 15 de março a 21 de julho de 2020. Por meio de análise de conteúdo, descobrimos que o tópico mais frequente é a política (25,55%

Analogamente, a disseminação de notícias falsas é outra variável que pode ter contribuído para o aumento desta prática, de acordo com a opinião dos participantes da pesquisa. Dentre os que apontam esse fato, foi argumentado que a grande quantidade de informações divulgadas sem a devida confirmação de sua veracidade, seja pela grande mídia, seja pelas redes sociais, unida ao fato de serem recebidas grande parte das vezes por indivíduos leigos no assunto e assustados pelo contexto, contribuiu para que essas afirmações, muitas vezes falsas, fossem ainda mais espalhadas. Dessa forma, pode ser considerada um fator importante, capaz de levar muitos indivíduos a se automedicarem de forma inadequada, uma vez que, em uma realidade de infodemia, isto é, excesso de informação sobre o mesmo tópico, é muito comum que hajam mal-entendidos por parte da população, resultando em uma menor capacidade de

saúde, principalmente entre os leigos. Sendo as principais consequências, efeitos adversos causados pelo uso indiscriminado de medicação desnecessária, o ocultamento de possíveis enfermidades com o alívio dos sintomas e agravamento do quadro por falta da procura médica.

Por fim, o estudo comprovou que houve uma prevalência da automedicação no contexto da COVID-19. Dessa maneira, concluímos que a pandemia foi um fator de agravamento dessa prática, devido as particulares motivações. Além disso, esse comportamento se tornou uma possibilidade de agravamento da saúde do indivíduo. Portanto, a automedicação foi uma prática recorrente, mas pode ser perigosa.

Referências

ALVES FRANCISCO, R. *et al.* Riscos da Automedicação durante a Pandemia Covid - 19. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, n. 11, p. e2111001, 23 dez. 2021. ISSN 2675-6218

ANDRADE, E. A.; MORENO, V. G.; -ORTIZ, M. A. L. Perfil de uso de medicamentos e automedicação, em uma população universitária, frente a pandemia da Covid-19 / Profile of use of medicines and self-medication, in a university population, in front of Covid-19 pandemic. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 7, p. 73772-73784, 23 jul. 2021.

AZHAR, H., TAUSEEF, A.; USMAN, T. AHMED, M.; UMER, K., SHOAI B, M. Prevalence, Attitude and Knowledge of Self Medication during Covid-19 Disease Pandemic. **P J M H S**, v. 15, n. 5, may 2021. DOI: <https://doi.org/10.53350/pjmhs21155902>.

BRITO, J. C. M. *et al.* Uso irracional de medicamentos e plantas medicinais contra a COVID-19 (SARS-CoV-2): Um problema emergente. **Brazilian Journal of Health and Pharmacy**, v. 2, n. 3, p. 37-53, 2020.

CARVALHO, W.; GUIMARÃES, Á. S. Desinformação, Negacionismo e Automedicação: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da COVID-19. **InterAmerican Journal of Medicine and Health**, v. 3, 19 ago. 2020.

GEHRKE, M.; BENETTI, M. A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19: temas, plataformas e atores. **Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 23, n. 2, 14 set. 2021.

MALLHI TH, KHAN YH, ALOTAIBI NH, *et al.* **Postgrad Med J**. 97:742-743. 2021.

MIGUEL, L. C. B.; CARVALHO, C. J. S. O impacto das fake news e a sua influência na automedicação na COVID-19. **Pubsaúde**, v. 5, p. 1- 4, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NARCISO, A. da S.; DE SÁ, S. R. .; MAGALHÃES, T. A.; CARRIJO, A. F. Automedicação durante o enfrentamento da COVID-19: Self-medication while facing COVID-19. **Archives of Health**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 58-63, 2022.

OLIVEIRA SANTOS, E. C. *et al.* AUTOMEDICAÇÃO, COVID-19 E PANDEMIAS HISTÓRICAS. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 3, n. 1, p. e311044, 21 jan. 2022. ISSN 2675-6218.

ONCHONGA, D. A Google Trends study on the interest in self-medication during the 2019 novel coronavirus (COVID-19) disease pandemic. **Saudi Pharmaceutical Journal**, v.28, n.7, 903- 904, 2020. DOI:10.1016/j.jsps.2020.06.00710.1016/j.jsps.2020.06.007.

ONCHONGA, D.; OMWOYO, J.; NYAMAMBA, D. Assessing the prevalence of self-medication among health-care workers before and during the 2019 SARS-CoV-2 (COVID-19) pandemic in Kenya. **Saudi Pharmaceutical Journal**, v. 28, n. 10, p. 1149–1154, out. 2020.

PITTA, M. G. DA R. *et al.* Análise do perfil de automedicação em tempos de COVID-19 no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, p. e28101119296, 22 ago. 2021.

RAFIQ, K., NESAR, S., ANSER, H., LEGHARI, Q., HASSAN, A., RIZVI, A., SAIFY, Z. Self-Medication in the COVID-19 Pandemic: Survival of the Fittest. **Disaster Medicine and Public Health Preparedness**, 1-5. DOI:10.1017/dmp.2021.173.

SADIO, Arnold J. *et al.* Assessment of self-medication practices in the context of the COVID-19 outbreak in Togo. **BMC public health**, v. 21, n. 1, p. 1-9, 2021.

Recebido em 27 de julho de 2022.

Aceito em 10 de agosto de 2022.